

RESISTÊNCIA SEGUNDO FREUD NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Juciani Andrea Rigotti

Matias Trevisol

Resumo

Neste estudo, mergulharemos profundamente na compreensão da resistência no âmbito do processo psicoterapêutico, explorando as nuances desse fenômeno à luz das teorias de Sigmund Freud. A resistência, conforme delineada pelo renomado psicanalista, revela-se como um intrincado desafio no caminho da análise, destacando-se por suas manifestações complexas no relacionamento entre paciente e terapeuta. Ao delimitar este tema, buscamos desvelar as camadas profundas dessa dinâmica psíquica, lançando luz sobre a sua influência no desdobramento do processo terapêutico. O propósito principal desta investigação é aprofundar o entendimento sobre a resistência no contexto do processo psicoterapêutico, à luz das contribuições teóricas de Sigmund Freud. Com esse intuito, delineamos os seguintes objetivos específicos: (1) explorar as concepções de resistência desenvolvidas por Freud; (2) examinar como a resistência se manifesta no processo terapêutico, considerando suas relações com a transferência e os padrões repetitivos; (3) analisar o impacto das estratégias interpretativas na superação da resistência e na promoção da transformação psíquica.

A metodologia adotada neste trabalho consiste em uma revisão de literatura, baseada em uma busca sistemática por artigos científicos, livros e obras relevantes sobre o tema da resistência no discurso psicoterapêutico. A seleção dos materiais utilizou critérios de relevância, considerando autores clássicos como Freud, bem como estudos contemporâneos que abordam a temática.

O estudo da resistência no processo psicoterapêutico, conforme delineado por Sigmund Freud em sua obra, apresenta-se como um intrincado e profundo campo de investigação no contexto da psicanálise. Em seus escritos de 1914, Freud destaca que os sintomas histéricos são intrinsecamente relacionados a experiências traumáticas do passado, que foram relegadas ao olvido consciente do paciente. Nesse sentido, a terapêutica adotada concentra-se na tarefa árdua de evocar tais lembranças reprimidas, fazendo uso da técnica da catarse, onde o paciente revive essas experiências sob um estado de hipnose. Essa dinâmica terapêutica visa dissipar o sofrimento do paciente, que Freud inferiu ser causado por uma descarga anormal de excitação não dissipada, ou seja, uma conversão dessa energia em sintomas psicopatológicos (Freud, 1914a/1996).

Por outro lado, Freud também observou a complexidade da relação entre o paciente e o analista. Em seu trabalho de 1917, o autor ressalta que o paciente demonstra uma ânsia por conhecimento, desejando ser instruído e orientado pela psicanálise. No entanto, essa disposição aparente esconde uma resistência subjacente. O paciente, de maneira sutil, busca desviar o foco da análise, procurando que o analista o poupe do confronto com suas questões mais profundas. Essa resistência é habilmente dissimulada como um desejo por conhecimento, revelando-se como um desafio à severidade do analista (Freud, 1917).

Além disso, Freud ressalta a presença da resistência na esfera amorosa do paciente, enfocando o uso de declarações de amor como uma estratégia de testar os limites e a complacência do analista. A resistência, nesse contexto, funciona como um agente provocador, intensificando os

sentimentos amorosos do paciente e sua disposição à entrega sexual, a fim de justificar e aprofundar o mecanismo de recalque (Freud, 1914[1915]/1996).

Freud ainda examina os desfechos possíveis do processo psicanalítico, destacando que a resistência pode levar a diferentes resultados. Um deles é a possibilidade de uma união legal e permanente entre médico e paciente, embora seja raro. O segundo cenário, mais comum, envolve a separação e a interrupção do tratamento, como se este fosse interrompido por algum fenômeno elementar. Contudo, Freud aponta para um terceiro desfecho, no qual médico e paciente iniciam um relacionamento amoroso ilícito, que não se destina a perdurar indefinidamente (Freud, 1914a/1996).

A análise das resistências, conforme Freud, é uma tarefa essencial no processo analítico. O médico revela resistências que são desconhecidas pelo paciente, e uma vez superadas, o paciente consegue estabelecer conexões e acessar memórias anteriormente esquecidas. Nesse contexto, as diferentes técnicas terapêuticas visam preencher as lacunas na memória do paciente e, dinamicamente, superar as resistências provenientes do mecanismo de recalque (Freud, 1914a/1996).

Por fim, Freud destaca a complexidade da resistência, observando que uma parte do Eu do paciente age em oposição ao trabalho analítico. O paciente, muitas vezes inconsciente disso, entra em dificuldades quando confrontado com tarefas que o aproximam do material reprimido. A resistência é, portanto, uma barreira que o analista deve identificar e ajudar o paciente a superar, permitindo o acesso às camadas mais profundas do inconsciente (Freud, 1920/1996).

Comparando as abordagens de Freud com outros autores, nota-se que a ênfase na resistência como um obstáculo à análise é uma característica distintiva da psicanálise freudiana. Enquanto alguns terapeutas contemporâneos adotam abordagens mais flexíveis e centradas no paciente, Freud permaneceu fiel à ideia de que a resistência é inerente ao processo psicanalítico e deve ser identificada e tratada de forma cuidadosa. Nesse sentido, as convergências residem na importância atribuída à

resistência como um elemento central do trabalho terapêutico. No entanto, as divergências podem ser observadas nas abordagens terapêuticas específicas para lidar com a resistência, uma vez que a psicanálise freudiana se baseia na técnica da catarse e na interpretação das dinâmicas inconscientes, enquanto outras escolas terapêuticas podem adotar estratégias mais diversas e flexíveis. Em última análise, a compreensão e o tratamento da resistência no processo psicoterapêutico variam de acordo com a orientação teórica e a abordagem do terapeuta.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund et al. Mourning and melancholia. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, v. 14, n. 1914-1916, p. 237-58, 1917.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo (1914). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

andrea.autismo@gmail.com